O CORVO

Edgar Allan Poe;
Trad. Fernando Pessoa;
Trad. Machado de Assis;

The Raven, A. E. Poe

Once upon a midnight dreary, while I pondered, weak and weary
Over many a quaint and curious volume of forgotten lore -
While I nodded, nearly napping, suddenly there came a tapping,
As of someone gently rapping, rapping at my chamber door.
" 'Tis some visitor, " I muttered, "tapping at my chamber door -
Only this and nothing more."

Ah, distinctly I remember it was in the bleak December;
And each separate dying ember wrought its ghost upon the floor.
Eagerly I wished the morrow - vainly I had sought to borrow
From my books surcease of sorrow - sorrow for the lost Lenore -
For the rare and radiant maiden whom the angels name Lenore -
Nameless here for evermore.

And the silken, sad, uncertain rustling of each purple curtain
Thrilled me - filled me with fantastic terrors never felt before:
So that now, to still the beating of my heart, I stood repeating.
" 'Tis some visitor entreating entrance at my chamber door -
Some late visitor entreating entrance at my chamber door -
That it is and nothing more."

Presently my soul grew stronger: hesitating then no longer,
"Sir, " said I, "or Madam, truly your forgiveness I implore:
But the fact is I was napping, and so gently you came rapping,
And so faintly you came tapping, tapping at my chamber door,
That I scarce was sure I heard you" - here I opened wide the door -
Darkness there and nothing more.

Deep into the darkness peering, long I stood there wondering fearing.
Doubting, dreaming dreams no mortal ever dared to dream before:
But the silence was unbroken, and the stillness gave no token,
And the only word there spoken was the whispered word, "Lenore?"
This I whispered, and an echo murmured back the word "Lenore!" -
Merely this and nothing more.

Back into the chamber turning, all my soul within me burning,

Soon again I heard a tapping somewhat louder than before.
"Surely," said I, "surely that is something at my window lattice;
Let me see, then, what thereat is, and this mystery explore -

Let my heart be still a moment and this mystery explore -
'T is the wind an nothing more!"

Open here i flung the shutter, when, with many a flirt and flutter,
In there stepped a stately Raven of the saintly days of yore;
Not the least obeisance made he; not a minute stopped or stayed he;
But, with mien of lord or lady, perched above my chamber door -
Perched upon a bust of Pallas just a bove my chamber door -
Perched, and sat, and nothing more.

Then this ebony bird beguiling my sad fancy into smiling,
By the grave and stern decorum of the countenance it wore,
"Though thy crest be shorn and shaven, thou," I said, "art sure no craven,
Ghastly grim and ancient Raven wandering from the Nightly shore -
Tell me what thy lordly name is on the Night's Plutonian shore!"
Quoth the Raven, "Nevermore."

Much I marveled this ungainly fowl to hear discourse so plainly,
Though its answer little meaning - little relevancy bore;
For we cannot help agreeing that no living human beeing
Ever yet was blessed with seeing bird above his chamber door -
Bird or beast upon the sculplured bust above his chamber door,
With such name as "Nevermore."

But the Raven sitting lonely on the placid bust, spoke only
That one word, as if his soul in that one word he did outpoor.
Nothing further then he uttered, not a feather then he fluttered -
Till I scarcely more then muttered, "Other friends have flown before -
On the morrow he will leave me, as my Hopes have flown before."
Then the bird said, "Nevermore."

Startled at the stillness broken by reply so aptly spoken,
"Doubtless," said I, "what it utteres is it only stock and store
Caught from some unhappy master whom unmerciful Disaster
Followed fast and followed faster till his songs one burden bore -
Till the dirges of his Hope the melancholy burden bore
Of 'Never - nevermore.'"

But the Raven still beguiling all my fancy into smiling,
Straight I wheeled a cushioned seat in front of bird and bust and door,
Then upon the velvet sinking, I betook myself to linking
Fancy unto fancy, thinking what this ominous bird of yore -
What this grim, ungainly, ghastly, gaunt, and ominous bird of yore

Meant in croaking, "Nevermore."

This I sat engaged in guessing, but no syllable expressing
To the fowl, whose fiery eyes now burned into my bosom's core;
This and more I sat divining, with my head at ease reclining
On the cushion's velvet lining that the lamp-light gloated o'er
But whose velvet-violet lining with lamp-light gloating o'er
She shall press, ah, nevermore!

Then methought, the air grew denser, perfumed from an unseen censer
Swung by seraphim whose foot-falls tinkled on the tufted floor.
"Wretch," I cried, "thy God has lent thee - by these angels he hath sent
thee Respite - respite the nephente from thy memories of Lenore!
Quaff, oh, quaff this kind nephente and forget this lost Lenore!"
Quoth the Raven, "Nevermore."

"Prophet!" said I, "thing of evil! - prophet still, if bird of devil!
Whether Tempter sent, or whatever tempest tossed thee ashore,
Desolate yet all undaunted, on this desert land enchanted -
On this home by Horror haunted - tell me truly, I implore -
Is there - is there balm in Gilead? - tell me - tell me, I implore!"
Quoth the Raven, "Nevermore."

"Prophet!" said I, "thing of evil! - prophet still, if bird of devil!
By that Heaven that bends above us - by that God we both adore -
Tell his soul with sorrow laden if, within the distant Aidenn,
It shall clasp a sainted maiden whom the angels name Lenore -
Clasp a rare and radiant maiden whom the angels name Lenore."
Quoth the Raven, "Nevermore."

"Be that word our sign of parting, bird or fiend!" I shrieked, upstarting -
"Get thee back into the tempest and the Night's Plutonian shore!
Leave no black plume as a token of that lie thy soul hath spoken!
Leave my loneliness unbroken! - quit the bust above my door!
Take thy beak from out my heart, and take thy form from off my door!
Quoth the Raven, "Nevermore."

And the Raven, never flitting, still is sitting, still is sitting
On the pallid bust of Pallas just above my chamber door;
And his eyes have all the seeming of a demon that is dreaming,
And the lamp-light o'er him streaming throws his shadow on the floor,
And my soul from out that shadow that lies floating on the floor
Shall be lifted - nevermore!

O Corvo, Trad. Fernando Pessoa

Numa meia-noite agreste, quando eu lia, lento e triste,
Vagos, curiosos tomos de ciências ancestrais,
E já quase adormecia, ouvi o que parecia
O som de alguém que batia levemente a meus umbrais.
"Uma visita", eu me disse, "está batendo a meus umbrais.
É só isto, e nada mais."

Ah, que bem disso me lembro! Era no frio dezembro,
E o fogo, morrendo negro, urdia sombras desiguais.
Como eu qu'ria a madrugada, toda a noite aos livros dada
P'ra esquecer (em vão!) a amada, hoje entre hostes celestiais -
Essa cujo nome sabem as hostes celestiais,
Mas sem nome aqui jamais!

Como, a tremer frio e frouxo, cada reposteiro roxo
Me incutia, urdia estranhos terrores nunca antes tais!
Mas, a mim mesmo infundido força, eu ia repetindo,
"É uma visita pedindo entrada aqui em meus umbrais;
Uma visita tardia pede entrada em meus umbrais.
É só isto, e nada mais".

E, mais forte num instante, já nem tardo ou hesitante,
"Senhor", eu disse, "ou senhora, decerto me desculpais;
Mas eu ia adormecendo, quando viestes batendo,
Tão levemente batendo, batendo por meus umbrais,
Que mal ouvi..." E abri largos, franqueando-os, meus umbrais.
Noite, noite e nada mais.

A treva enorme fitando, fiquei perdido receando,
Dúbio e tais sonhos sonhando que os ninguém sonhou iguais.
Mas a noite era infinita, a paz profunda e maldita,
E a única palavra dita foi um nome cheio de ais -
Eu o disse, o nome dela, e o eco disse aos meus ais.
Isso só e nada mais.

Para dentro estão volvendo, toda a alma em mim ardendo,
Não tardou que ouvisse novo som batendo mais e mais.
"Por certo", disse eu, "aquela bulha é na minha janela.
Vamos ver o que está nela, e o que são estes sinais."
Meu coração se distraía pesquisando estes sinais.
"É o vento, e nada mais."

Abri então a vidraça, e eis que, com muita negaça,
Entrou grave e nobre um corvo dos bons tempos ancestrais.
Não fez nenhum cumprimento, não parou nem um momento,
Mas com ar solene e lento pousou sobre os meus umbrais,
Num alvo busto de Atena que há por sobre meus umbrais,
Foi, pousou, e nada mais.

E esta ave estranha e escura fez sorrir minha amargura
Com o solene decoro de seus ares rituais.
"Tens o aspecto tosquiado", disse eu, "mas de nobre e ousado,
Ó velho corvo emigrado lá das trevas infernais!
Dize-me qual o teu nome lá nas trevas infernais."
Disse o corvo, "Nunca mais".

Pasmei de ouvir este raro pássaro falar tão claro,
Inda que pouco sentido tivessem palavras tais.
Mas deve ser concedido que ninguém terá havido
Que uma ave tenha tido pousada nos meus umbrais,
Ave ou bicho sobre o busto que há por sobre seus umbrais,
Com o nome "Nunca mais".

Mas o corvo, sobre o busto, nada mais dissera, augusto,
Que essa frase, qual se nela a alma lhe ficasse em ais.
Nem mais voz nem movimento fez, e eu, em meu pensamento
Perdido, murmurei lento, "Amigo, sonhos - mortais
Todos - todos já se foram. Amanhã também te vais".
Disse o corvo, "Nunca mais".

A alma súbito movida por frase tão bem cabida,
"Por certo", disse eu, "são estas vozes usuais,
Aprendeu-as de algum dono, que a desgraça e o abandono
Seguiram até que o entono da alma se quebrou em ais,
E o bordão de desesp'rança de seu canto cheio de ais
Era este "Nunca mais".

Mas, fazendo inda a ave escura sorrir a minha amargura,
Sentei-me defronte dela, do alvo busto e meus umbrais;
E, enterrado na cadeira, pensei de muita maneira
Que qu'ria esta ave agoureira dos maus tempos ancestrais,
Esta ave negra e agoureira dos maus tempos ancestrais,
Com aquele "Nunca mais".

Comigo isto discorrendo, mas nem sílaba dizendo
À ave que na minha alma cravava os olhos fatais,
Isto e mais ia cismando, a cabeça reclinando
No veludo onde a luz punha vagas sobras desiguais,

Naquele veludo onde ela, entre as sobras desiguais,
Reclinar-se-á nunca mais!

Fez-se então o ar mais denso, como cheio dum incenso
Que anjos dessem, cujos leves passos soam musicais.
"Maldito!", a mim disse, "deu-te Deus, por anjos concedeu-te
O esquecimento; valeu-te. Toma-o, esquece, com teus ais,
O nome da que não esqueces, e que faz esses teus ais!"
Disse o corvo, "Nunca mais".

"Profeta", disse eu, "profeta - ou demônio ou ave preta!
Fosse diabo ou tempestade quem te trouxe a meus umbrais,
A este luto e este degredo, a esta noite e este segredo,
A esta casa de ânsia e medo, dize a esta alma a quem atrais
Se há um bálsamo longínquo para esta alma a quem atrais!
Disse o corvo, "Nunca mais".

"Profeta", disse eu, "profeta - ou demônio ou ave preta!
Pelo Deus ante quem ambos somos fracos e mortais.
Dize a esta alma entristecida se no Édem de outra vida
Verá essa hoje perdida entre hostes celestiais,
Essa cujo nome sabem as hostes celestiais!"
Disse o corvo, "Nunca mais".

"Que esse grito nos aparte, ave ou diabo!", eu disse. "Parte!
Torna á noite e à tempestade! Torna às trevas infernais!
Não deixes pena que ateste a mentira que disseste!
Minha solidão me reste! Tira-te de meus umbrais!
Tira o vulto de meu peito e a sombra de meus umbrais!"
Disse o corvo, "Nunca mais".

E o corvo, na noite infinda, está ainda, está ainda
No alvo busto de Atena que há por sobre os meus umbrais.
Seu olhar tem a medonha cor de um demônio que sonha,
E a luz lança-lhe a tristonha sombra no chão há mais e mais,
Libertar-se-á... nunca mais!

O Corvo, Trad. Machado de Assis

"Em certo dia, à hora da meia noite que apavora.
Eu, caindo de sono e exausto de fadiga,
ao pé de muita lauda antiga,
de uma velha doutrina, agora morta,
ia pensando quando ouvi à porta
do meu quarto um soar devagarinho,
e disse estas palavras tais:
‘É alguém que me bate à porta de mansinho;
Há de ser isso e nada mais.’
Ah, bem me lembro! Bem me lembro!
Era no glacial dezembro.
Cada brasa do lar sobre o chão refletia
a sua última agonia.
Eu, ansioso pelo sol, buscava
sacar daqueles livros que estudava.
Repouso (em vão!) à dor esmagadora
destas saudades imortais
pela que ora nos céus chamam Lenora
E que ninguém chamará mais"
Logo, ele conclui que deva ser alguma "... visita amiga e retardada ... há
de ser isso e nada mais".
"Minha alma então sentiu-se forte;
não mais vacilo e desta sorte
falo: ‘imploro de vós, ou senhor ou senhora,
me desculpeis tanta demora.
Mas como eu, precisando de descanso,
já cochilava, e tão de manso e mansa
batestes, não fui logo, prestemente,
certificar-me que aí estais’.
Disse: a porta escancaro, acho a noite somente,
somente a noite e nada mais."
Nosso triste homem suspira ao ver a escuridão:
"... Só tu, palavra única e dileta,
Lenora, tu, como um suspiro escasso da minha triste boca sais;
E o eco, que te ouviu, murmurou-te no espaço;
Foi isto apenas, nada mais
"... Devolvamos a paz ao coração medroso,
Obra do vento e nada mais"
"Abro a janela, e de repente,
vejo tumultuosamente
um nobre corvo entrar, digno de antigos dias.
Não despendeu em cortesias.
Um minuto, um instante. Tinha o aspecto

de um Lord ou uma Lady. E pronto e reto,
movendo no ar suas negras asas,
acima voa dos portais,
trepa, no alto da porta, em um busto de Palas;
trepado fica, e nada mais."
"Diante da ave feia e escura, naquela rígida postura,
com o gesto severo, - o triste pensamento
sorriu-me ali por um momento,
e eu disse: "Ó tu das noturnas plagas
vens, embora a cabeça nua tragas,
sem topete, não és ave medrosa,
dize os teus nomes senhorais;
como te chamas tu na grande noite umbrosa?"
E o corvo disse: ‘Nunca mais.’
Vendo que o pássaro entendia
a pergunta que eu fazia,
fico atônito, embora a resposta que dera,
dificilmente lha entendera.
Na verdade, jamais homem há visto
cousa na terra semelhante a isto:
Uma ave negra, friamente posta
num busto acima dos portais,
ouvir uma pergunta e dizer em resposta
que este é o seu nome: ‘Nunca mais’
No entanto, o corvo solitário
não teve outro vocabulário
como se essa palavra escassa que ali disse
toda a sua alma resumisse.
Nenhuma outra proferiu, nenhuma,
não chegou a mexer uma só pluma,
até que eu murmurei: ‘Perdi outrora
tantos amigos tão leais!
Perderei também este em regressando a aurora’
E o corvo disse: ‘Nunca mais’
Estremeço. A resposta ouvida
é tão exata! É tão cabida!
‘Certamente, digo eu, essa é toda a ciência
que ele trouxe da convivência
de algum mestre infeliz e acabrunhado
que o implacável destino há castigado
tão tenaz, tão sem pausa, nem fadiga,
que dos seus cantos usuais
só lhe ficou, na amarga e última cantiga,
esse estribilho: ‘Nunca mais’

O homem pensa na ave, e no significado de suas palavras:
"... Entender o que quis dizer a ave do medo grasnando a frase:

‘Nunca mais."
O pobre infeliz lembra de sua Lenora ao olhar em volta... a
loucura parece atingi-lo suavemente pelos braços da saudade:
"Assim posto, devaneando,
meditando, conjeturando,
não lhe falava mais; mas, se lhe não falava,
sentia o olhar que me abrasava.
Conjeturando fui, tranqüilo a gosto,
com a cabeça no macio encosto
onde os raios da lâmpada caíam,
onde as tranças angelicais
de outra cabeça outrora ali se desparziam,
e agora não se esparzem mais."
"Supus então que o ar, mais denso,
todo se enchia de um incenso,
obra de serafins que, pelo chão roçando
do quarto, estavam maneando
um ligeiro turíbulo invisível;
e eu exclamei então: ‘Um Deus sensível
manda repouso à dor que te devora
destas saudades imortais.
Eia, esquece, eia, olvida essa extinta Lenora.’
E o corvo disse: ‘Nunca mais.’
‘Profeta ou o que quer que sejas!
Ave ou demônio que negrejas!
Profeta, sempre, escuta: ou venhas tu do inferno
onde reside o mal eterno,
ou simplesmente náufrago escapado
venhas do temporal que te há lançado
nesta casa onde o horror, o horror profundo
tem os seus lares triunfais,
dize-me: existe um bálsamo no mundo?’
E o corvo disse: ‘Nunca mais.’
‘Profeta ou o que quer que sejas!
Ave ou demônio que negrejas!
Profeta, sempre escuta, atende, escuta, atende!
Por esse céu que além se estende,
pelo Deus que ambos adoramos, fala,
dize a esta alma se é dado inda escutá-la
no éden celeste a virgem que ela chora
nestes retiros sepulcrais,
essa que ora nos céus anjos chamam Lenora!’
E o corvo disse: ‘Nunca mais.’

‘Profeta ou o que quer que sejas!
Ave ou demônio que negrejas!
Cessa, ai, cessa! Clamei, levantando-me, cessa!

Regressa ao temporal, regressa à tua noite, deixa-me comigo.
Vai-te, não fique no me casto abrigo
pluma que lembre essa mentira tua.
Tira-me ao peito essas fatais
garras que abrindo vão a minha dor já crua.’
E o corvo disse: ‘Nunca mais.’
E o corvo aí fica; ei-lo trepado
no branco mármore lavrado
da antiga Palas; ei-lo imutável, ferrenho.
Parece, ao ver-lhe o duro cenho,
um demônio sonhando. A luz caída
do lampião sobre a ave aborrecida
no chão espraia a triste sombra; e, fora
daquelas linhas funerais
que flutuam no chão, a minha alma que chora
não saí mais, nunca, nunca mais!"